

**ASPECTOS DA ORTOGRAFIA FONÉTICA
EM UM TEXTO SEISCENTISTA DO CEARÁ**

Expedito Eloísio Ximenes (UECE-UFC)
eloisio22@hotmail.com

RESUMO

No presente trabalho, abordamos o tema da ortografia portuguesa, com o intuito de fazermos uma descrição de seu uso em um texto seiscentista, escrito no início do século XVII, pelo padre Luiz Figueira da Companhia de Jesus. Analisamos os aspectos predominantemente da escrita fonética do português, sobretudo, no tocante ao emprego das vogais nasais e à marca da nasalização representada pelo diacrítico til sobreposto; às várias realizações da vogal *i*; ao uso de consoantes geminadas; à substituição de grafemas; às variações gráficas de uma mesma palavra dentre outros traços que definem o sistema ortográfico vigente. Apesar de já ser adotada a escrita pseudoetimológica, no período investigado, quase não há registros desse sistema no *corpus* analisado.

Palavras-chave:

Ortografia fonética. Ortografia pseudoetimológica. Reformas ortográficas.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, fazemos uma descrição das formas de registrar os fonemas por meio de diversos grafemas, como também descrevemos todas as ocorrências encontradas no texto escrito, no princípio do século XVII, que constitui nosso *corpus* de análise e que caracterizam o modelo ortográfico adotado na época.

Tratamos aqui do documento intitulado *Relação do Maranhão* datado de 26 de março de 1608, cuja autoria é do padre jesuíta Luiz Figueira, que fora enviado em missão apostólica ao Maranhão, por ordem do superior da Companhia de Jesus, o Pe. Cláudio Aquaviva¹.

¹ No final do documento, registra-se 26 de março de 1608, como data da conclusão do relato. Tudo indica, porém, que tal data não seja exata, pois o Pe. Figueira afirma no texto que na quaresma do ano seguinte ao da vinda ao Ceará em (1607), estava na aldeia do Cobra Azul, no litoral, tendo jejuado durante esse período quaresmal farinha que trouxera da Ibiapaba. Segundo suas palavras: “eu porem tive alguas castanhas de cajus e obra de hua quarta de farinha q’ eu tinha trazido da Ybiapaba que fuy goardádo p.^a a coresma có a qual ajejeuy toda condutádo como era rezão”. Por alguns meses permaneceu ali e depois veio para o Rio Ceará

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Além de relatar as condições em que se encontrava a Capitania do Ceará, totalmente abandonada pelo homem branco, que ainda não mantivera núcleo de povoamento aqui, o texto apresenta-nos uma fotografia do território com seus aspectos topográficos, climáticos e antropológicos, revelando as condições humanas das tribos indígenas que viviam dispersas e amedrontadas. Revela ainda uma grande riqueza de elementos linguísticos e filológicos que nos permitem a realização de estudos da língua portuguesa. Um desses elementos é a ortografia, que constitui nosso objeto de estudo neste artigo.

Uma vez que existem várias cópias do documento, tomamos como base a edição comemorativa do tricentenário da ocupação do Ceará, texto publicado em 1903, por Barão de Studart, na *Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará*, tomo XVII (cf. STUDART, 1817).

Para atingir nosso objetivo, partimos de uma fundamentação teórica de base descritiva fundada em gramáticas históricas da língua portuguesa. Pretendemos tão somente descrever o uso da ortografia da época observando as formas de grafar e avaliar se há marcas características exclusivas de apenas um sistema ortográfico ou se existem traços dos dois sistemas no mesmo documento.

Para tanto partimos de várias leituras do texto para o levantamento e seleção das ocorrências grafêmicas dos fonemas, aí incluindo as formas variantes. Posteriormente fizemos a categorização dos fenômenos encontrados e a organização dos grupos das vogais e das consoantes. Em seguida, organizamos em forma de quadros demonstrativos todos os dados encontrados para nossa posterior análise e interpretação.

O texto revelou-nos bastante coerente quanto ao sistema ortográfico fonético adotado, apesar de uma instabilidade inerente ao sis-

quando em 19 de agosto de 1608, recebeu um comunicado de que um barco o viria buscar. A embarcação só conseguiu partir após vários dias encalhada por causa dos ventos. O texto foi escrito depois da viagem, a data de março de 1608, como se encontra consignado no escrito, não faz sentido, portanto. O grande historiador cearense que foi o Dr. Guilherme Studart (o Barão de Studart) e o notável sábio Thomaz Pompeu Sobrinho são de opinião unânime que a Relação do Maranhão tenha sido escrita em 1609.

tema expressada nas múltiplas formas variantes de grafar uma mesma palavra.

1. O contexto do texto

O documento intitulado *Relação do Maranhão* é, sem dúvida, de grande importância para a história social e linguística do Ceará, pois foi o primeiro texto escrito sobre essa terra, que até os primórdios do século XVII, ainda não era habitada por povos brancos, já que seu donatário, o fidalgo Antonio Cardoso de Barros, aqui não pusera os pés para explorar a porção de terras que lhe fora doada por D. João III, em 1535. A larga faixa territorial que se estendia do Rio Grande do Norte ao Maranhão permanecia intacta, sem a presença do luso, habitada somente por vários povos indígenas. Por conseguinte, estava sujeita à invasão de outros povos estrangeiros, tanto é assim que os franceses já haviam se instalado no Maranhão.

A vinda dos padres jesuítas constitui a segunda tentativa de conquistar o Ceará, pois a primeira ocorrera em 1603, numa empreitada desastrosa realizada por Pero Coelho de Sousa. Conforme Galanti (1912), Pero Coelho ainda não regressara de sua viagem, quando os jesuítas partiram a pedido do governador geral do Brasil.

Em 02 de fevereiro de 1607 os religiosos entram no Ceará, na foz do Rio Jaguaribe, na altura de onde se situa hoje o município de Aracati, e, após meses de árdua viagem, alcançaram a Serra da Ibiapaba, ao norte do estado, na zona limítrofe com o atual estado do Piauí. Além dos padres, compunha-se a expedição de cerca de 60 nativos que eram devolvidos ao seio das florestas.

Após uma longa e sofrida viagem, narrada com detalhes, os viandantes chegam à Ibiapaba e, por motivos alheios à vontade, o projeto de chegar ao Maranhão fracassou.

O documento foi escrito após o retorno de Luiz Figueira. Como vemos, seu autor é um padre que detinha ricos conhecimentos da língua latina e da língua portuguesa e, posteriormente, especialista em língua tupi, tendo escrito uma gramática dessa língua. Portanto, é um texto de alto valor linguístico, sobretudo por seguir uma norma culta vigente à época. As possíveis conclusões a despeito da ortogra-

fia empregada revelam uma marca do sistema em vigor, não obstante às oscilações e às contradições típicas dessa fase da língua ainda incipiente, que traz consigo em sua gênese a liberdade de não obedecer a cânones preestabelecidos, pelos menos tão rigorosos.

2. Os tipos de ortografia da língua portuguesa

Os compêndios de gramática histórica abordam a temática da ortografia portuguesa apresentando suas etapas de estabelecimento e seu predomínio. As duas primeiras etapas são marcadas, mais ou menos, pela arbitrariedade e pelo gosto pessoal dos escribas, até se constituir, por meio de acordo convencional aprovado por lei, na fixação de normas que passaram a reger o modo de grafar do idioma português. Apesar das reformas submetidas, o nosso vernáculo se estabeleceu quanto à ortografia em princípios do século XX.

Nunes (1989) classifica a história da ortografia portuguesa em dois períodos: o fonético e o pseudoetimológico.

O período fonético começa nos primórdios da formação da língua e se estende até o século XVI, coincidindo com o seu período arcaico. Nesta etapa da ortografia, sobressaem-se os sons representados por meios de letras que elas realmente representam.

Segundo Pereira (1932), o sistema fonético consiste em escrever como se pronuncia, fazendo com que a palavra escrita seja imagem da palavra falada. Contudo, como há uma grande variação na maneira de falar de cada indivíduo, como poderia se ter uma uniformidade na ortografia já que esta pretende representar os sons da fala? O resultado é um sincretismo na escrita como se refere o autor:

Este systema, tão preconizado pelos phoneticistas, não offerece, contudo, base uniforme para uma reforma orthographica, vista a grande variedade da pronuncia, de região para região e de século para século. Sendo nelle a palavra escripta a imagem exacta da palavra fallada, a mudança constante da pronuncia determinaria a constante mudança de sua representação. (PEREIRA, 1932, p. 102).

Para Teyssier (1997), este sistema apesar das incoerências e imprecisões parece mais regular e fonético do que aquele que o substituiu posteriormente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Embora o sistema fonético refletisse maior coerência e fidelidade ao representar os grafemas conforme sua identidade sonora, percebe-se que há muito de arbitrário nele, pois há várias formas de grafemas para um mesmo fonema, o que revela a vontade de cada escrevente. Informa Nunes (1989:193) que “também os mesmos sons eram representados por caracteres diferentes se tratasse de vogais, quer de consoantes”. Assim, por exemplo, o fonema vocálico /i/ era representado por vários grafemas sem nenhuma norma de escolha: ora pela letra *i*, ora pelas letras *y*, *j* e *h*, sendo que esta última ocorrência se dava quando semivogal.

Temos os registros seguintes: *mais*, *assi*, *assy*, *fruyto*, *mjnas*, *sabham*. Podemos ver, portanto, que não há critério de uso de uma letra por outra; as letras *i* e *y* podem ser empregadas no início, no meio e no final de palavras; o *j* substitui o *i* sem nenhuma razão fonética, talvez por não haver ainda estabilidade daquela letra no alfabeto já que ela não existia na língua latina, sendo introduzida só posteriormente nas línguas românicas. O caso do *h* em substituição a semivogal *i* é uma verdadeira incoerência do sistema, já que tal letra não representa som algum, como também não há razão etimológica.

Com base em alguns autores como Nunes (1989), Coutinho (1976), Williams (1961), Melo (1975) e Huber (s.d.), sintetizamos e apresentamos as características da ortografia do período fonético de nossa língua.

As vogais se apresentam de forma dobrada para indicar, às vezes, segundo Huber (s.d.), a pronúncia aberta, como segue:

aa = a ataa > atá > até ²
ee = e quaaes > quaaes > quaes > quais
ii, ij, ji = i imijgo ou iimigo > imigo > inimigo
oo = o dooe > doe
uu = u

Coutinho (1976) acrescenta que as vogais dobradas ocorrem por queda da consoante sonora medial latina na mudança para o por-

² Leia os sinais que aparecem neste texto: (=) igual: *aa* igual a *a*; (>) passa a ou para: *atá* passa para *até*, (-) varia ou variando para: *a* varia para *e*, *o* varia para *u*; (Ø) vazio ou ausência: *aver* ausência do *h*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tuguês, ademais para indicar ainda a vogal tônica.

aa = a mala > maa > má
ee = e sedere > seer > ser
oo = o colore > coor > cor
uu = u nudu > nuu > nu

As vogais nasais poderiam ser representadas por um *m*, *n*, til (~) que segundo Huber é o emprego mais vulgar *ã*, *ê*, *ĩ*, *õ*, *ũ*: *irmã*, *cêa*, *fĩis*, *bõa*, *ũa*, *ũu*; e ainda por dois acentos (´): *omrra*, *omde*, *canbho*, *senpre*, *mááos*, *oméés*.

No tocante ao emprego das consoantes, há também muitas variações e confusões. Não muito raro há substituições, emprego duplo, acréscimo e/ou ausência delas, conforme se segue.

A letra *b* era substituída pela letra *v* em: *aber* = *haver*, nota-se a ausência do grafema *h* na primeira ocorrência. Diz Huber que o *b* entre vogais era pronunciado com o som de *v*. O *b* tem ainda o valor de *bh* = *bi sabham* = *sabiam*.

A letra *c* com valor fricativo *ç* aparece empregada antes de *e* e *i*: *çeo*, *graçia* antes de *o* e *u*: *particon* = *partiçon*, *cunucuda* = *cunuçuda*, *ç=z*: *donçela* = *donzela*. Era também substituída por *qu*: *cinquo*, *acerqua*, *vaqua*. Em outros casos substituída *qu*: *pecena* = *pequena*.

A letra *f* muito frequentemente tinha uso dobrado no início e no interior da palavra: *ffé*, *fficar*, *deffendeu*.

A letra *g* com o valor velar /g/ aparece antes de *e* e *i*: *apouge* = *apougue*, *Agiar* = *Aguiar*, *algẽ* = *alguẽ* = *alguém*. Antes de *e* e *i*: *oge*=*oje*, antes de *a*, *o*, *u*: *sega* = *seja*, *ango* = *anjo*, *Gurge* = *Gurje*; *gi* antes de *a*, *o* = *j agia* = *aja*, *segia* = *seja*; *gu* antes de *e*, *i*, *a*, *o*: *guiar*, *Guabriel*. Usava-se também o digrama *gu*: *limguoa*, *augua*.

A letra *h* aparece no início de palavras como marca etimológica: *homẽes*. É omitido em palavras em que deveria constar: *aver*, *omildade*; ocorre o contrário em palavras que não deveria: *huum*, *hũua*, *hũu*, *hi*; era empregado por analogia a outras palavras latinas: *hordenar*; indica vogal aberta em: *he*, *hi*, *hir*, separa as vogais em hiatos no meio das palavras: *cahir*, *sahir*; representa a semivogal *i* a nasal *ĩ*: *sabhã* = *sabiam*, *camho* = *camõ* = *caminho*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A letra *j* indicava-se por *g* antes de *a* e *o*: *mangar* = *manjar*; *aleigom* = *aleijom* = *aleijão*; por *j* escrito *i* ou *y*: *aya* = *haja*, *suyo* = *sujo*, ou *e* = *hoje*; por *gi* *agia* = *haja*.

A letra *l* aparece dobrada no início de palavras: *llãa*, no final e antes de consoantes: *mortall*, *maldade*, *castello*, *ella*; entre vogais representava o fonema /ʎ/ = *lh*.

O fonema palatal lateral /ʎ/ = *lh* e o palatal nasal /ɲ/ = *nh* foram representados por *li* e *ni*, somente *l* ou *ll* e *n*: *filia*, *molier*, *tenio*, *conocença*; depois *lh* e *nh*.

A letra *m* seguida de consoante nasalava a vogal anterior; era empregada antes de alveolar ou dental: *emsinar*, *homrrada*; era dobrada quando precedida de vogal nasal: *emmendar*, *commungar*.

A letra *n* era usada antes de *p* e *b* e nasalava a vogal anterior: *linpo*, *anbos*; *n* = *nh*: *vena* = *venha*, *seno* = *senhor*; *nn* = *nh*: *venna* = *venha*, *aranna* = *aranha*.

A letra *p* aparece entre vogais nasais sem valor fonético: *dãpno*, *solêpnemente* = *solenemente*. Há inserção do *p* em formas do verbo *escrever*: *escrepver*. Segundo Williams (1961) esta inserção do *p* denominado de intruso é para preservar o som de ambas as vogais.

A letra *q* ocorre antes de *e* e *ẽ*, e o grupo *qu* antes de *a* e *o* com o valor de *c*: *quada* = *cada*, *riquo* = *rico*, *cinquo* = *cinco*, *Francisquo* = *Francisco*, o *qu* também equivale a *q* simples: *aqela* = *aquela*.

A letra *r* dobrada aparece no início de palavra e, às vezes, ocorre *r* simples no meio da palavra por *r* dobrado: *rrainha*, *rrogo* = *rogo*, *tera* = *terra*, *recore* = *recorre*, *barete* = *barrete*. Ocorre também antes e depois de *l* e de *n*, depois de *s*: *Carrlos*, *honrra*.

A letra *s* ocorre como substituta da letra *c* ou *ç*: *sima* = *cima*, *composisam* = *composição*; aparece no início sem prótese da vogal de apoio no grupo consonantal impróprio *st*: *stado*, *scrito*, *star*. Às vezes, quando simples era empregado com valor duplo: *posso* = *posso*, e vice-versa: *cassado* = *casado*, *messa* = *mesa*; no meio de palavras era representado simples ou dobrado: *servisse*, *misa*, *coussas*; quando tinha o som de *z* era duplo no início e meio de palavras: *leprossso*, *ssabede*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A letra *v* no início e meio de palavra passa a ser substituída por *u*: *teue*, *uez*, *uoz*, *uida*. O *v* foi introduzido em nosso alfabeto tardiamente já que não constava no latim.

A letra *x* representava muitas vezes os dois *ss*: *dixe*=*disse*, no fim de palavras tinha o valor de *is*: *sex*=*seis*.

A letra *z* podia ser empregada no início e no meio de palavras em lugar de *ç*: *zapateiro*=*çapateiro* =*sapateiro*, *lanzar* = *lançar*.

O período pseudoetimológico, conforme Nunes (1989) estende-se do século XVII em diante. Esse segundo período vem a lume com o Renascimento e a volta da cultura clássica greco-latina que influenciou os espíritos a adotarem a grafia supostamente etimológica de cuja origem seria o étimo daquelas línguas.

Com o Renascimento, a admiração que já existia pelo latim, redobrou, subjugando os espíritos por forma tal, que a sua ortografia tornou-se o modelo da nossa, que foi em grande parte posta de lado, em prejuízo da língua, da qual muitos sons deixaram de ser representados consoantes a sua pronúncia secular. (NUNES, 1989, p. 195-196).

Com a adoção da ortografia de base no grego e no latim, houve bastantes variações na escrita, surgindo formas estranhas de registrar as palavras como as ocorrências de *ch*, *ph*, *th* e *rh*, ampliando-se também o uso de consoantes dobradas. Se na gênese da história da língua o sistema era arbitrário, chegando a ser caótico com base no som que levaria à abundância de formas gráficas de uma só palavra, agora a uniformidade se distancia cada vez mais, pois cada usuário que utiliza a escrita o faz a seu modo próprio para demonstrar conhecimento da língua clássica.

O período simplificado ou reformado tem início em 1904, quando aparece a obra *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, que simplificou o sistema gráfico da língua, pondo fim aos arbítrios cometidos anteriormente. Gonçalves Viana elaborou e apresentou em 1904, os seguintes princípios que serviram como base da reforma.

1. proscricção absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega: *th*, *ph*, *ch*(=*k*), *rh*, e *y*.
2. redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

3. eliminação de consoantes nulas, quando não influem na pronúncia da vogal que as preceder.
4. regularização da acentuação gráfica. (GONÇALVES VIANA, *apud* MELO, 1975, p. 235).

Uma comissão foi formada, constituída por ilustres filólogos para debater a proposta e, enfim, foi aprovada em 1911 em Portugal, tornando-se lei do Governo português e tornada obrigatória para todos os domínios daquele país.

No Brasil, arvorou-se a ideia de simplificação da grafia em 1907 por conta da Academia Brasileira de Letras, porém dadas as falhas no projeto, foi necessário uma adaptação em 1912, tornando mais harmônico e racional o sistema gráfico.

Em 1915, foi aceita uma proposta de harmonizar com a reforma de 1911 de Portugal. Em 1919 foi revogada a decisão até se concretizar um estudo mais amadurecido sobre a questão. Em 1929 a Academia reinstala o sistema simplificado de 1907.

Em 1931, firmou-se acordo entre Academia Brasileira de Letras e Academia das Ciências de Portugal. Conforme Melo (1975, p. 237) “acordo cheio de defeitos de ordem técnica e deficiente, mas enfim aceitável, porque era fundado no sistema de Gonçalves Viana e, de modo geral, se conformava à pronúncia dos dois grandes povos de língua portuguesa”.

O problema da ortografia não é dos mais importantes da língua, os estudos de linguística moderna pouca importância têm dado a ele, contudo, não deixa de ser tão complexo quanto a outros, pois a falta de uniformidade na escrita atrapalha o bom convívio de uma nação e, principalmente, entre nações que usam a mesma língua em todos os seus registros para diversos fins quer literários quer oficiais e diplomáticos.

A unificação gráfica do mundo lusófono ainda não ocorreu de fato definitivamente. Estamos vivendo atualmente um momento de adaptação de mais um acordo ortográfico assinado entre as nações de língua portuguesa, que visa o fortalecimento de nosso idioma diante da comunidade internacional, como também desfazer alguns entraves referentes à acentuação gráfica que ainda perturba os usuários da es-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

crita, principalmente, os neófitos na prática de escrever.

Trata-se do projeto de texto de ortografia unificada da língua portuguesa aprovado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza. Em 2004 houve a adesão de Timor Leste.

Em maio de 2008, em uma entrevista à Lusa (Agência de Notícias de Portugal, S. A.) disponível no portal notícia sapo,⁴ o ministro da Cultura de Portugal José António Pinto Ribeiro mostrou-se confiante na implementação do novo Acordo e salientou a necessidade de unificação da grafia como essencial à internacionalização da língua portuguesa.

Não é possível termos uma política de afirmação e universalidade da língua portuguesa na OUA (Organização de Unidade Africana), na SADC (Comunidade para o desenvolvimento da África Austral), na União Europeia, nas Nações Unidas, no Mercosul (Mercado Comum da América do Sul), ou na organização Ibero-Americana, sem haver uma forma unitária de escrever os documentos. (Agência de Notícias de Portugal S.A - LUSA, 15 de maio de 2008).

O novo acordo entrou em vigor no Brasil no início de 2009 após ter passado por um longo período de discussão desde 1986, quando foi feita a tentativa de uniformização. Em Portugal as mudanças irão valer dentro de seis anos, conforme informação da *Folha online*.⁵

O Parlamento de Portugal aprovou nesta sexta-feira o seu segundo protocolo modificativo do acordo ortográfico que pretende uniformizar a língua portuguesa. O protocolo determina que o acordo irá entrar em vigor daqui a seis anos e abre espaço para a entrada do Timor Leste - que ainda não era Estado soberano quando o acordo foi criado, nos anos 90. O acordo vigora desde que foi ratificado por Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Foi só em março passado que o conselho de ministros de Portugal também assinou o acordo e, agora, o país discute como implantar as mudanças. No Brasil, o acordo foi assinado em 1995, e o governo vinha atrasando as mudanças devido à hesitação de Portugal em assiná-lo. Para 2009, no entanto, o MEC (Ministério da Educação) já de-

⁴ Disponível em: <<http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/d2f2797478448160c1e11c.html>>.

⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u321371.shtml>>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cidu modificar a linguagem dos livros didáticos. (*Folha Online*. 16/05/2008 - 11h35).

Com a ratificação de Portugal em maio de 2008 do novo acordo ortográfico, vieram as reações do povo português se manifestando contra, contudo, o que importa é que a língua continua para todos os seus usuários como uma herança coletiva de um povo e não uma propriedade privada de alguns. Saber se serão, de fato, implementadas as mudanças na escrita, é esperar para ver.

3. Descrição e análise dos dados do corpus

Apresentamos, de forma sistematizada nas tabelas abaixo, as ocorrências encontradas no *corpus* que as organizamos em grupos: Grupo 1. das vogais orais, Grupo 2. das vogais nasais, Grupo 3. das consoantes simples, Grupo 4. das consoantes dobradas ou geminadas, Grupo 5. das variações gráficas de uma mesma palavra e Grupo 6. Ocorrências da escrita pseudoetimológica.

O quadro seguinte representa o uso das vogais orais. Algumas variações ocorridas são coerentes com o sistema. Segundo Mattos e Silva (1984), a variação de vogais não acentuadas é muito frequente no período arcaico. Em nosso *corpus* encontramos apenas uma mudança do *a* para *e* em sílaba inicial não acentuada em *razão*>*rezão*. Esse fenômeno não poderia deixar de ter motivação fonética já que se trata da grafia fonética. Vale dizer que é uma forma bastante usada ainda hoje, no Brasil, na oralidade de pessoas pouco escolarizadas.

Grupo 1: As vogais orais

Letra	Ocorrência
a~e	rezaõ
e~ee	fé, fee
ee~e	reprende
e~o	pollas = (pelas), fosso =(fosse)
e~a	salvagens =(selvagens) salvajes, salvages
e~i	quasi, milho
i~i	assi.
i~y	assy, cheyos, my, yr, respõdy, Ybiapaba ouvyo, yda, yndio, acertei, a- quy, pay, mãdey, deyxemos, recitey, saudey, ty, ynjurias, cuydando, moydos, sy, enterrey, ygreja, party, gastei, mandey, foy, co- brey, entrey, fingly, animey, sey, vigiey, lavey, persuady, infynidade, foy, cuydando, muy, yrmos, aquy, daqy, cheyos, tapuyas, destruydo, destru- yrião, meyos.
i~e	canaveais, animaes, naturaes, quaes, emformar, desposto, emformou, emquerido, emformãdoos, principaes, empedido, meudezas, emquerindo, creador, pae.
i~u	noutes, doudos, doudo, dous, cousas, couce, fouce=(foice)
o~e	Bellotas (bolotas), fermosa, amedrentar, preposito
u~o~u	nao (nau), perdeo, prometeo, respondeo, recebeo, fogaõ, fogindo, logar, goardãdo, revolveo, meteo, predeo, fogia, amanheceo, agardeceo, pario, venceo, saho, Deos, vio, potigoara, socedera, apazigoar, pao =(pau), roins, goardou, chapeo, apazigoado, mingoas, sospeitas, lingoa, particular, jagoaribe, fogido, moniçaõ, molhe- res, agoa, graos, céo, choveo, constrãjeo, mordeo, sobir, respõdeo, des- pedio, seos, algu, particular, agoa, graos=(graus), cuberto, mingaos

Registramos uma ocorrência da vogal *e* dobrada por queda da consoante vozeada medial latina em *fedes* > *fee* > fé. Já em *reprende* ocorre a queda da vogal *e* desfazendo-se o hiato preferindo-se a vogal simples. Apesar de encontrarmos apenas uma ocorrência para cada caso, mantivemos os registros porque mostra o uso da escrita nesta fase da língua marcada pela variação. A vogal *i* apresenta variações para *y* no início, meio e fim de palavras; também é representada por *e* e por *u*: *creador*, *noutes*; não houve ocorrências de *h* e *j* como semivogais. A vogal *o* é empregada por *e* em *belota* por *bolota*, para citar um exemplo. Por fim a vogal *u* varia para *o* com bastante frequência: *Deos*, *céo*; ao mesmo tempo em que *o* passa a *u* em *cuberto* e *algu*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Letra	Ocorrência
am, an~ã	Frãcezes, semelhões, grãdesa, matãdo, grãde, lãção, tãbem, mãdamos, levãdo, brãcos, alcãçar, diãte, ãdava, descãsaros, aparelhãdonos, levãtãsemos, declãrado, bastãtamente, quãdo, altãdo, caminhãdo, dãtes, grãdes, tãto, constrãgeio, lãçar, emquãto, mãdioca, mãdou, tãtas, mãcebo, grãdioso, significãdonos, agazalhãdonos, assignalãdo, mãdado, quãta, dãçar, confiãça, ãdão, esperãças, effectuãdose, ajuntãdonos, frãdes, levãtãdo, mostrãdo, prãtear, tãto, estãdo, tomãdo, cãtar, cãtavam, grãtãdo, diãte, rematãdo, tã, reservãdo, tardãça, sãta, bradãdome, importãcia, entretãto, goardãdo, arrogãcia mãda, dissmulãdo, tornãdo, convidãdo, levãtãdo, mãtimento, lãça, mãdei.
an ~en ã~m	Menhã Manhã, Menham.
om, on~õ	cõ, cõprido, cõservão, encõtrão, cõfederãção, cõsigo, cõtãrão, cõvalecerem, cõ o =(como), mõtes, cõfessado, cõtĩnuar, apõtãr, cõsolavam, bõ, cõtãrei, respõdeo, cõfiança, cõtãrios, cõnosco, cõprimentos, aõde, cõsigo, cõforme, cõfião, cõtãrão, respõderão, cõtãra, cõtentar, cõferindo, descõfiãdo, cõfessa, cõtudo, põtõ, tã, acõdecender, cõpanheiro, cõduta, cõvideio, respõdy, cõvidava, trõba, cõtentes, cõprida, cõsolei, adõde, escõdido, emcõtãra.
o~n	chan
um, un~ũ	algua, algus, nenhua, hua, hu, huas, hus,

Grupo 2. As vogais nasais

As vogais nasais apresentam um quadro estável e coerente com o uso. Convém fazermos somente duas observações. Primeira, o emprego do til pelas letras *m* e *n* só ocorreu com muita recorrência diante das vogais *a* e *o*, diante do *u* houve poucos registros. Perante as vogais *e* e *i* não encontramos nenhuma ocorrência. A segunda observação é que nunca acontece mais de uma vez a substituição das letras *m* e *n* por til em uma mesma palavra em que há presença da nasal.

Letras	Ocorrências
c~qu ç~ss	cinquõ, acerqua, branquos =(brancos). rossa=(roça) cassão=(caçam), comessa, cassar=(caçar), chossa, comessadas
c~cc	sucesso, ocasiões, ocupado.
g~j~g gu~go	Salvãjes, salvãges, salvãgens Jagõaribe, apãzigoado, agoã, lingõã
h	(inicial): hua, hião, hu, huas, hus, hido, hirmos, hirãmos, honze, hida, hião, hia, hir. (separando ditongo): dahi, dohia, sahia. (com vogal aberta): he. (ausência do h): aver, avia, aviamos, oje.
j~g	Logeãs=(lojas), igreginhã, magestãde

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

j~y	Yesu
l~r l~ll	frâdes, prantar, pera=(pela), frecha, frechadas, pranteassem. Capella, aaquella, aquellos, elles, camello, ellas, dellas, pella, aballarão, nella, pollas, collegios, delles, aquelle, cebollinhas, pelle, pollo, relliquias, estrellas, aquillo, chupallo, capella, colloquio, bellotas, falla, cabelo, goncallo, pallavras.
m~mm	Commercio
n~m	confessavão, confessar, emformar, Ascensão, emfim, comsigo, emnovelavarem, emtristeci emgano, emsinarem, emsinassemos, conformes, emgolir, emquanto, triumpho.
qu=qu qu~c qu~q	Qualidade calidade, encantidade, pecenas =(pequenas). peqnos.
s~c s~ss sc~c	certão. menssageiros nacer, nace, acrecentãdo mez, francezes, tizouras, emprezas, mezes, auzentei, puzessemos, quizemos
s~z z~s	certesa, trasiamos, cosidos(cozidos), rosasinha, almasonas, tristesa, apasigoado, fraquesa, avesinhas, presentesinho, matosinho, roupasinha, frutasinha

Grupo 3. As consoantes

Quanto ao emprego das consoantes não temos muitos a destacar, pois está de acordo com a descrição apresentada pelas gramáticas históricas. Apresentam-se estáveis e coerentes à norma, inclusive pelo uso de variações.

Letras	Ocorrências
cc	sucesso, ocasiões, ocupado.
ff	affirmo, effeito, difficultar, affastava, difficuldade, difficultosa, offereceu, offerecião, deffendeu, effectuãdose, efficacia, effeitur, affamadas, effectuãdose.
ll	aaquella, aquellos, elles, camello, ellas, dellas, pella, aballarão, nella, pollas, collegios, delles, aquelle, cebollinhas, pelle, , pollo, relliquias, estrellas, aquillo, chupallo, capella, colloquio, bellotas, falla, cabelo, goncallo, pallavras.
mm	commungar, immediatamente, immortais, commercio.
nn	innumeraveis, annos.
pp	apparelhavamos.
rr	Irronia
ss	assaber, cassão= (caçam)mosso, rossa, cassa, brasso, comessou, comessadas, cabessa, pedasso, cressem, comessa, menssageiros, cassar
tt	permittle, settembro.

Grupo 4. Consoantes dobradas ou geminadas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As consoantes dobradas ou geminadas acompanham a história da língua. Em princípio, quase todas eram usadas assim como se observa no quadro demonstrativo. No período etimológico continuam com mais abundância. Somente com a proposta de Gonçalves Viana oficializada em 1911, em Portugal, sobreviveram apenas os *rr* e *ss* mediais. No estado atual da língua é muito comum o emprego de consoantes geminadas em antropônimos sem valor fonético, mas por livre vontade de quem registra seus filhos nos cartórios com o intuito de embelezar, diferenciar ou dificultar a grafia de tais nomes como ocorre em Kelly, Dianny, Emanuelle, Brenna e muitos outros.

Ocorrências	
certão~sertão~certões	mãcebo~mancebo
amazonas~Almazonas~almasonas	tapuyas~tapuias
jagoaribe~Jaguaribe	salvages~salvajes~salvagens
cosigo~cõsigo~comsigo	quaes~quais
cõ~co	câtavaõ~cantar
menhã~menham~manhã~manham	fogião~fugia
frãcezes~francezes	fee~fe
Ibiapaba~Ybiapaba	hir~yr~ir
assi ~assy	Deos~Deus~D ^s
pella~pollas	seos~seus
pello~pollos	yndio~índio
tambem~tâbem	ygreja~igreja
céo~ceo	enterrey~enterrei
hirmos~irmos	aparelhando~aparelhando
sobir~subir	noute~noite
fraqueza~fraquesa	pae~pay
aõde~aonde	imigo~inimigo
grãde~grande	brãco~brancoas
seos~seus	rossa~roça
hido~ido~yda	aviamos~haviamos
milhor~melhor	cabasso~cabaços
cõ nosco~comnosco~cõnosco	tâbem~tambem
mandioca~mãdioca~mãdioca	qualidade~calidde
roça ~rossa	reliquias~relliquias
brancos~brãcos~braquos, branquos	assinalou~assinalou
	captivos~cativos

Grupo 5. Variações gráficas da mesma palavra

O quadro acima representa as formas gráficas variantes de uma mesma palavra. Por um lado vemos a riqueza de expressão, a liberdade linguística por não haver ainda nenhuma lei para regulamentar e impor uma norma fixa. Por outro, a falta de uniformidade e o aspecto arbitrário no uso da língua, apesar da coerência, por tratar-se

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de grafia consoante ao som natural da língua. Essa prática, contudo, não deixa de gerar várias complicações no entendimento da leitura dos textos escritos.

Letras	Ocorrências
ct	octava
gn	assignalou
pc	Assumpção
pt	captivasse, captivos, baprisamos, baprismo, baprisariamos
sc	sciencia

Grupo 6: Ocorrências da escrita pseudoetimológica.

Em relação aos fatos que representam dados da ortografia pseudoetimológica, foram pouquíssimos os casos encontrados em nosso *corpus*, o que confirma a predominância da escrita fonética. Vejamos os grupos consonantais que aparecem timidamente.

Podemos observar que o uso de grupos consonânticos de origem latina ou grega é insignificante, não caracterizando um sistema ortográfico híbrido, tão somente o predomínio da escrita fonética.

4. Considerações finais

O texto que nos serviu de *corpus* para análise mostrou-se bastante coerente quanto ao objeto analisado, uma vez que houve predominância da ortografia fonética do princípio ao fim. Foram insignificantes os registros de escrita pseudoetimológica, o que em tese deveria ocorrer com mais frequência por dois motivos: o primeiro refere-se ao tempo, cronologicamente o documento foi escrito no princípio do século XVII, quando já reinava a influência renascentista e a escrita pseudoetimológica, há um século, influenciava os escribas. O segundo motivo recai sobre a autoria do texto, um padre jesuíta, homem de profundos conhecimentos da língua latina e da cultura clássica como um todo, não fez uso de uma grafia rebuscada com base no étimo, como era comum aos coetâneos, preferiu a forma arcaica da língua. Sabemos que ele era um sacerdote abnegado e de hábitos muito simples no trato com os nativos, será que o caráter do autor se refletiu no uso da língua?

Em todo o texto há uma alta frequência do emprego do til para representar as nasais, sendo um dos casos mais vulgares como diz

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Huber. Vale ressaltar que apenas as vogais nasais *a* e *o* são representadas com o til sobreposto com bastante recorrência. Diante da vogal *u* há pouco uso; perante as vogais *e* e *i*, foi nula a ocorrência, conforme se observa no quadro 02 acima.

O uso de consoantes dobradas é recorrente, principalmente aquelas típicas como *ll*, *ff* e *ss*. Outras aparecem em menor quantidade como *mm*, *nn*, *tt*, *pp* que não são muito características do período. Os casos mais salientes são os registros das formas variantes de um mesmo vocábulo, como expressados no quadro 05. Ora a palavra é grafada na escrita moderna ora na forma fonética, revelando até 04 registros do mesmo vocábulo. Expressa essa prática a coerência do sistema ou um livre arbítrio dos usuários da escrita?

Em toda a história da língua portuguesa houve dificuldade de unificação da grafia que ainda se estende até nossos dias. No princípio eram apenas os lusitanos a fazer uso da escrita, mais tarde, os brasileiros criaram seu modo próprio deixando suas marcas na ortografia. Mesmo com os acordos e as leis oficiais dos governos de Brasil e Portugal, diferenças e resistências a elas sempre existiram. Hoje são oito nações, oito povos que querem identidade, porém, unidade é preciso para o fortalecimento de todos. Mais um acordo é assinado em 2008 com o intuito de manter a coesão dos povos e da língua como instrumento de interação entre si e as demais nações do mundo.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FOLHA ON LINE. *Brasil se prepara para reforma ortográfica*. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u321371.shtm>>. Acesso em: 15 maio 2008.

FIGUEIRA, Pe. Luís, *In*: STUDART, Guilherme. A relação do Maranhão, 1608, pelo jesuíta Padre Luiz Figueira enviada a Cláudio Aquaviva. *Revista do Instituto do Ceará*. 1887, tomo I, p. 97-138. Disponível em: <<http://www.institutodoceara.org.br>> Acesso em 20

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mar. 2008.

GALLANTI, Rafael. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Duprat & Cia., tomo I, 1911.

GONÇALVES VIANA. A. R. *Ortografia nacional*. Lisboa, 1904.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s.d.].

LUSA (Agência de Notícias Portugal, S.A.). Acordo Ortográfico: Uniformização da grafia é “essencial” à internacionalização da Língua Portuguesa – ministro da Cultura. Disponível em:

<<http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/d2f2797478448160c1e11c.html>>

Acesso em 15 maio 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1984.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

NUNES, Joaquim José. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9ª. Lisboa: Clássica, 1989.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.